

BROWN, J S. & DUGUID, P. (2000) *The Social Life Of Information*. Harvard Business School Press. Boston, Massachusetts. 320p.

Este livro é resultado do trabalho conjunto de dois pesquisadores norte-americanos. Um deles é J. S. Brown, que tem se dedicado ao estudo do aprendizado humano e das culturas digitais como Cientista Chefe da Xerox Corporation e Diretor do famoso Centro de Pesquisa de Palo Alto.

O outro autor é P. Duguid, especialista em Estudos Culturais e Sociais em Educação, na Universidade de Berkeley, California, e membro do Centro de Pesquisa de Palo Alto. P. Duguid, em seu trabalho, circula por temas como ciência social, ciência da computação, lingüística e psicologia social fazendo uso da pesquisa colaborativa e multidisciplinar.

Em linhas gerais, a obra tem como foco a idéia de que indivíduos e informação serão sempre, e inevitavelmente, parte de cadeias sociais. O leitor se deparará com um mapeamento da “vida” da informação em diferentes contextos (escolas, universidades, ambientes profissionais, etc).

Os autores, na introdução intitulada “Tunneling Ahead”, apresentam a metáfora do túnel, afirmando que a vida na era da informação pode ocasionalmente ser conduzida por uma visão não periférica, ou seja, uma visão focada na quantidade de informação que ignora contextos histórico-sociais individuais ou coletivos e omite as necessidades básicas que permeiam as relações.

Segundo J. S. Brown e P. Duguid, na visão infocêntrica, a preocupação em oferecer cada vez mais informação produz uma tecnologia que muitas vezes, ao contrário do que se espera, traz mais problemas que soluções.

A obra se divide em oito capítulos com subseções internas. O primeiro deles, “Limits to information” (Limites para Informação), trata do volume de informação que a tecnologia disponibiliza e de que maneira, segundo os autores, a “Third Wave”, a onda da informação, se tornou um “Tsunami”, uma onda arrasadora que engole territórios (p.12). Esta visão vai ao encontro da metáfora do dilúvio de Pierre Lévy (1999), que responsabiliza a inundação informacional pela criação de uma nova condição de vida que nos impõe a necessidade de “navegar”.

O segundo capítulo, “Agents and Angels” (Agentes e Anjos), aborda os recursos digitais (agentes) e os recursos intermediários (anjos), que viabilizam a jornada pelo virtual e desenham programas que imitam ações humanas, o que suscita, segundo os autores, sérias questões sócio-institucionais e morais. Acredita-se que estes agentes revelarão ser muitas coisas e como citado por S. Johnson em sua obra, *Cultura da Interface* 1997, seus efeitos poderão repercutir pela infosfera de maneira lamentável ou animadora.

No capítulo seguinte, “Home Alone” (Sozinho em casa), os autores convidam o leitor a refletir sobre o trabalho individualizado, afirmando que a prática das pessoas que trabalham em uma organização é o que traz processo à vida e definitivamente vida ao processo.

Ainda nesse capítulo, os autores defendem a idéia de que a tecnologia ainda não deu conta do trabalho e de suas demandas, por almejar uma imagem idealizada dos indivíduos e da informação. Neste sentido, a argumentação dos autores leva o leitor a perceber um acordo com R. K. Logan em seu trabalho *The Fifth Language* (1995), a qual destaca o perigo em permitir que o computador, uma ferramenta tecnológica vista como extensão da inteligência humana, solucione problemas baseado em instruções pré-programadas.

Os conceitos de prática e processo são retomados no capítulo seguinte, “Practice Makes Process” (A Prática faz o Processo), no qual os autores ressaltam a importância da prática e de que modo a visão focada no processo, uma visão infocêntrica (Tunnel Vision), ignora os recursos sociais e a importância do caráter social da tecnologia.

A prática, abordada no capítulo quatro, é relacionada com fatores como conhecimento e aprendizado no capítulo seguinte, “Learning – in Theory and Practice” (Aprendendo – na teoria e na prática), no qual os autores tratam também da formação de “comunidades de prática” (communities of practice) e “redes de prática” (networks of practice). Neste capítulo, os autores ressaltam a importância do aprendizado colaborativo nas instituições sociais (trabalho, escola, etc), onde os indivíduos ao formarem uma comunidade de aprendizes, “community of learners”, estabelecem canais para compartilhar objetivos, conhecimentos e práticas.

No sexto capítulo, “Innovating Organization. Husbanding Knowledge” (Inovando a Organização, Gerenciando o Conhecimento), os autores apresentam, através de exemplos de grandes empresas, a necessidade de organização e inovação na produção e no fluxo de conhecimento pelas “comunidades” e “redes” de prática.

A importância do documento impresso é abordada no capítulo seguinte, “Reading the Background” (Leitura do Contexto), no qual os autores lembram como o papel estrutura a informação e organiza a sociedade. Tal enfoque evidencia a necessidade de uma melhor compreensão do papel da informação impressa na sociedade, para que seja possível substituí-la por qualquer outro recurso (documento) tecnológico.

O último capítulo do livro, “Re-education” (Re-educação), aborda a necessidade de uma reestruturação nas instituições de ensino superior em decorrência do avanço da tecnologia da informação. Esta necessidade é reforçada pela idéia de que a competição nos campos de trabalho se apresenta de maneiras diversas (p.213), e que, portanto, o indivíduo deve ser preparado para saber aprender, construir conhecimento e desenvolver sua porção reflexiva e autônoma.

Na conclusão, os autores afirmam que soluções dificilmente serão encontradas se os problemas relacionados à informação continuarem a ser abordados com a visão do túnel, a visão infocêntrica, que desconsidera a prática, as comunidades, as organizações e as instituições (p.252).

A obra será de relevância para todos que se interessarem pelo papel da informação na sociedade tecnológica e pelos problemas decorrentes desta socialização. Os autores não têm a pretensão de oferecer soluções, mas, sim, de despertar a atenção do leitor para

a observação de questões relacionadas a vida da informação na sociedade tecnológica em que vivemos.

PAULO SERGIO REZENDE
Senac / SP – PUC / SP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JOHNSON, STEVEN. (1997). *Cultura da Interface: Como o Computador Transforma Nossa Maneira de Criar e Comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LÉVY, PIERRE. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

LOGAN, ROBERT. (1995). *The Fifth Language*. Toronto: Stoddart Publishers.